

# **Urbe, tribos e deuses: Neopaganismo e o espaço público em Belém**

City, tribes and gods: Neo-paganism and public sphere in Belem, Brazil

*Daniela Cordovil\**

*Dannyel Teles de Castro\*\**

## Resumo

O artigo discute a presença das religiões neopagãs no espaço público por meio de uma etnografia de grupos e eventos realizada na cidade de Belém, no Pará, entre julho de 2013 e junho de 2015. É feita uma análise de como estes grupos contribuem para a construção de novas formas de sociabilidade entre os jovens, gerando mudanças no cenário religioso da cidade.

Palavras-chave: Neopaganismo. Sociabilidade. Espaço público.

## Abstract

This Paper discusses the presence of neo-pagan religions in public sphere through an ethnography of groups and events which took place in the city of Belem, Pará, in Brazilian Amazon, from July 2013 to June 2015. The Paper proposes an analysis of how these groups contribute to the building of new ways of sociability among teenagers, bringing about changes in the religious scenario of the city.

Keywords: Neo-paganism. Sociability. Public sphere.

---

## **Introdução**

O Neopaganismo consiste em diferentes religiões que possuem alguns traços similares, como o culto a divindades que remontam a civilizações pré-cristãs, o entendimento da natureza como sagrada, uma liturgia baseada nas mudanças sazonais, entre outros. A raiz cronológica do Neopaganismo difere de acordo com a tradição, pois enquanto há registros do renascimento druídico ainda no século XVII e do resgate à religião tradicional escandinava em meados

---

\* Professora Adjunta de Antropologia na Universidade do Estado do Pará e Investigadora em Pós-doutorado no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, com bolsa CAPES. Líder do Grupo de Pesquisa “Neoesoterismo e Religiões Alternativas” (NERA). Email: [daniela.cordovil@gmail.com](mailto:daniela.cordovil@gmail.com)

\*\* Mestrando em Ciências da Religião pela Universidade do Estado do Pará. Bolsista CAPES. Membro do Grupo de Pesquisa “Neoesoterismo e Religiões Alternativas” (NERA). Email: [dannyeltcastro@hotmail.com](mailto:dannyeltcastro@hotmail.com)

do século XVIII, a Wicca (religião neopagã mais difundida no ocidente) surge apenas em fins da primeira metade do século XX, apesar de já se ouvir falar no ressurgimento de um culto pagão ligado à natureza e à fertilidade desde “O Ramo de Ouro”, de James Frazer (1890). Contudo, é consenso entre os autores que tratam da temática delimitar o século XIX como a aurora do paganismo contemporâneo<sup>1</sup>. O local de origem das religiões neopagãs também difere de acordo com a tradição. No caso das três tradições citadas anteriormente – o Druidismo, o Odinismo e a Wicca – este surgimento se deu entre a Europa e os Estados Unidos, sendo que, mesmo nas tradições surgidas fora do continente europeu (como é o caso do Druidismo e de algumas vertentes da Wicca) é buscada uma inspiração na liturgia e no culto a divindades de panteões das antigas civilizações européias, presentes no continente antes da cristianização. Além desses casos, há outras formas de paganismo contemporâneo existentes, como é o caso do neoxamanismo ou xamanismo urbano<sup>2</sup> (terminologia de Magnani, 2000), do reconstrucionismo helênico e do Kemetismo ou Politeísmo Egípcio.

Essas religiões passaram a ganhar notabilidade no contexto contracultural das décadas de 1960 e 1970, através de livros, feiras místicas e encontros neopagãos, e posteriormente com a internet, a partir da década de 1990. No Brasil, há registro de vários eventos neopagãos que a cada ano possuem um fluxo maior de participantes. Contudo, a presença e expansão das religiões neopagãs no Brasil, cujos eventos e encontros costumam ganhar ampla divulgação na internet, é pouco explorada no âmbito das pesquisas científicas. Alguns estudiosos – oriundos, sobretudo, da história e das ciências da religião – evidenciaram a difusão da religiosidade neopagã em grandes metrópoles brasileiras como São Paulo (Lopes, 2008) e Recife (Bezerra, 2012). Enquanto isso, não há pesquisas desenvolvidas na região norte do país sobre o Neopaganismo.

Uma diferenciação básica entre as práticas de paganismo na contemporaneidade e na antiguidade é que neste último caso elas se davam no campo<sup>3</sup>, simbolizando um aspecto cultural dos camponeses, enquanto no caso contemporâneo o paganismo emerge em grandes cidades, estando atrelado a estilos de vida urbanos específicos do contexto moderno. Além disso, as religiões neopagãs não possuem templos propriamente ditos, tendo seus encontros, rituais e celebrações realizados em espaços verdes que se localizam nas cidades e nas residências dos líderes de determinado grupo religioso.

Em Belém é possível perceber a presença de grupos neopagãos através de sua atuação no Comitê Inter Religioso do Estado do Pará, em ocupações culturais como a que ocorreu recentemente no Solar da Beira, localizado no Ver-o-Peso, e também através de seus círculos e rodas de conversa evidentes em locais como o Jardim Botânico Bosque Rodrigues Alves e a Praça da República. Ou seja, há diversos grupos neopagãos que utilizam o espaço público da cidade para a sua prática religiosa, bem como para a realização de rodas de conversa, encontros e demais socializações com outros neopagãos e simpatizantes dessas religiões que demonstram interesse em aderir a elas. Diante disso, surgem as questões: como se dá a relação entre o neopaganismo e o espaço público em Belém? De que forma os processos de sociabilidade existentes no interior dos grupos neopagãos se apresentam no contexto urbano da capital paraense?

Este artigo pretende inicialmente apresentar um levantamento das diferentes religiões neopagãs em Belém, para em seguida investigar os processos de sociabilidade contidos no interior desses grupos religiosos, bem como as relações existentes entre o Neopaganismo e o espaço público da capital paraense. O texto é resultado de uma pesquisa etnográfica realizada nos locais onde os neopagãos estão inseridos em Belém. Buscamos, através dos dados coletados, compreender a presença e expansão das religiões neopagãs na cidade de Belém.

### **1. O quadro atual das religiões neopagãs em Belém**

Belém, metrópole da Amazônia brasileira, vive um cotidiano semelhante ao de qualquer outro espaço metropolitano, com engarrafamentos, correrias, tensões, e demais elementos que fazem parte da vida urbana. Seus habitantes, entretanto, comumente buscam espaços verdes da cidade para atividades de lazer, sobretudo nos finais de semana. O Bosque Rodrigues Alves, situado em uma das principais avenidas de Belém – Av. Almirante Barroso –, é um desses espaços. O local se apresenta como uma verdadeira “amostra da floresta amazônica” no meio da cidade, com uma vasta área verde, grandes árvores (entre as quais estão diversas samaumeiras, árvore tida como a “mãe” da floresta amazônica), pequenos lagos e diferentes animais, em sua maioria presos, sendo exibidos para os visitantes. Outros animais, como pequenos macacos e cotias, por exemplo, circulam livremente pelo Bosque e fazem a alegria dos visitantes do local, sobretudo as crianças. O público que costuma circular pelo local é

constituído de famílias, casais de namorados, turmas escolares acompanhadas por professores, etc. No entanto, um outro público comum do Bosque Rodrigues Alves merece aqui atenção especial, por constituir o campo para o qual nos voltamos neste trabalho: os neoesotéricos e, mais especificamente, os neopagãos. Praticando *yoga*, reiki, rituais para divindades ancestrais, e reunindo-se para discussões sobre astrologia, sagrado feminino, comunhão com a natureza e com o Planeta Terra, etc., esses grupos reconfiguram o espaço do Bosque e transformam-no em um verdadeiro ponto da espiritualidade contemporânea em Belém.

Um evento em especial deve ser mencionado, a Celebração do Dia da Terra, realizada no dia 19/04/2015 pelo grupo de Druidismo *Clann an Samaúma* no espaço “Ruínas do Castelinho”, localizado no interior do Bosque Rodrigues Alves. Cerca de 30 pessoas se reuniram no local para reverenciar a Mãe Terra e os espíritos das florestas. Inicialmente, foi feita uma roda de conversa na qual os membros do grupo expuseram problemas ambientais vivenciados no cotidiano da cidade e os demais participantes fizeram propostas de melhorias nas atitudes humanas em relação à natureza. A líder do *Clann* também lembrou os problemas enfrentados pelos índios, povos da floresta que continuam a sofrer cada vez mais com a ação do homem civilizado. Em seguida, a líder conduziu uma meditação coletiva, na qual todos foram orientados a se imaginarem como sementes que iam germinando até o momento em que se tornavam grandes árvores. O momento foi de conexão com a Deusa Danú, representação da Mãe Terra no panteão celta. Posteriormente, foram realizadas diversas danças circulares em honra à natureza, algumas delas com canções indígenas sagradas do povo Yawanawá que vive no Acre (onde a líder do *Clann an Samaúma* morou durante algum tempo), além de um sarau que envolvia canções, histórias e poemas apresentados por alguns dos presentes que haviam levado palavras e mensagens de reverência à Mãe Terra.

Durante a celebração, diversos sujeitos que passavam pelo local fitavam a roda de pessoas na tentativa de compreender o que estava acontecendo ali. Muitos paravam, tiravam fotografias, “cochichavam” entre si. Essa curiosidade é típica das pessoas que se deparam com o Neopaganismo no espaço público. Os discursos, cânticos, práticas, elementos sagrados e ritualísticos que constituem o universo neopagão, bem como a aparência e o estilo de vida de seus adeptos, comumente causam certo estranhamento à primeira vista. Esse estranhamento,

com a exceção dos poucos casos em que se manifesta de maneira nociva, não é visto como problemático pelos neopagãos, que têm buscado, justamente, estar cada vez mais no espaço público.<sup>4</sup>

O grupo druídico *Clann an Samaúma* foi um dos listados durante o levantamento das religiões neopagãs em Belém. Esse levantamento foi feito a partir da consulta de listas de endereços na internet, como blogs, sites e fóruns de discussão virtuais cuja temática fosse o Neopaganismo. Também foi utilizada a pesquisa junto a informantes, que foram solicitados a apontar outros grupos neopagãos existentes em Belém. Em seguida, houve a visita aos locais de reunião dos grupos mapeados, sendo que esta se dá, de forma recorrente, no espaço público da capital paraense. Nos casos em que a prática religiosa não costuma ser realizada em locais públicos, houve visitas às residências dos líderes de determinado grupo para conversas informais sobre as práticas desenvolvidas. Seguiu-se o acompanhamento das atividades dos grupos neopagãos, ou seja, seus eventos, rituais e encontros. Nesta etapa, foram realizadas etnografias dessas atividades, observação das formas de relação entre os sujeitos e entre as religiões e o espaço público, e entrevistas com os adeptos.

Verificamos a atuação de diferentes grupos que, ou se autodenominam, ou podem ser classificados como neopagãos. No caso da Wicca, não apenas um, mas quatro diferentes covens – pequenos grupos privados que praticam a bruxaria moderna – foram listados. Esse dado configura uma heterogeneidade de práticas neste segmento religioso, uma vez que esses covens não costumam se relacionar e, conforme as etnografias dos rituais observados, há algumas diferenciações entre a prática wiccaniana no interior dos grupos. Além da Wicca, encontramos outras religiões que configuram o circuito neopagão de Belém, entre práticas e sistemas diferenciados, mas que possuem em comum o culto a Deuses e Deusas de civilizações antigas, a sacralização da natureza, entre outros fatores. Os grupos neopagãos mapeados, bem como seus líderes e locais de culto estão mais bem explicitados no quadro abaixo:

<b>Grupos</b>	<b>Lideranças</b>	<b>Locais de encontro/culto</b>
Abrawicca Belém/ Tradição Diânica do Brasil (Wicca)	Aondê Airequecê	Bosque Rodrigues Alves, Complexo Ver-o-Rio, Horto Municipal, Praça da República, Espaço Vida, Universidade do Estado do Pará, sítios localizados na região metropolitana
Coven <i>Anam Cara</i> (Wicca)	Filipe Almeida e Michele Andrade	Residência das lideranças
Coven Filhos de Freya (Wicca)	Márcia	Residência da liderança
Coven Casa de Avalon (Wicca)	Suely Cals	Fundação Cultural do Estado do Pará (CENTUR), Parque da Residência, residência da liderança
<i>Clann an Samaúma</i> (Druidismo)	Darona Ní Brighid	Bosque Rodrigues Alves, Museu Paraense Emílio Goeldi, residência da liderança
Clã Draka (Odinismo)	Valmir Júnior Vala	Praça da República, residência da liderança
Tradição Ítalo-Godélica	Mardadocha	Residência da liderança
Iniciações Femininas – Caminho Sagrado Tonantzin (Espiritualidade Feminina/ neoxamanismo)	Flori Jácamo	Residência da liderança

**Quadro 1:** Grupos neopagãos presentes na cidade de Belém de acordo com o levantamento realizado.

Fonte: Pesquisa de campo.

No levantamento, a Wicca apareceu como a única religião neopagã que possui mais de um grupo na capital paraense e, conseqüentemente, a mais expressiva. Os quatro covens listados se apresentam de diferentes maneiras na metrópole. Apenas um dos grupos, o Filhos de Freya, não desenvolve atividades públicas e, desta forma, não se insere de forma direta no espaço público de Belém, tendo suas atividades realizadas na residência da sacerdotisa do coven. A

prática religiosa da Wicca se dá no âmbito dessas reuniões em grupos, realizadas de forma privada entre os membros do coven. Mesmo os grupos que promovem atividades e rituais públicos desenvolvem paralelamente a prática privada entre os membros.

Conforme evidenciado no quadro, o *Anam Cara* também só realiza encontros e rituais na residência de seus líderes, sobretudo na casa do sacerdote. Entretanto, diferentemente do caso do Filhos de Freya, esse outro coven costuma realizar *sabbats*<sup>5</sup> públicos, com convites virtuais para o evento nas páginas do Facebook. Tivemos a oportunidade de acompanhar dois desses *sabbats* públicos – *Samhain* e *Ostara* – realizados pelo *Anam Cara*, nos quais observamos a presença de diferentes pessoas além dos quatro membros atuais do coven. No caso do ritual de *Samhain*, houve a participação de onze indivíduos que não constituíam o grupo, mas eram adeptos ou simpatizantes da Wicca, entre pessoas que souberam da realização do ritual através da página virtual do evento e pessoas que mantinham relações pessoais com os membros do *Anam Cara*. Nesse caso, pode-se afirmar que a residência do sacerdote desse coven, localizada no bairro Terra Firme, corresponde a um “pedaço” da Wicca na cidade, ou seja, está na interseção entre o público e o privado no espaço urbano. Sobre o “pedaço”, nos diz Magnani (1998, p.116):

O termo na realidade designa aquele espaço intermediário entre o privado (a casa) e o público, onde se desenvolve uma sociabilidade básica, mais ampla que a fundada nos laços familiares, porém mais densa, significativa e estável que as relações formais e individualizadas impostas pela sociedade.

Dessa forma, é possível incluir a residência do sacerdote do *Anam Cara* no circuito wiccaniano de Belém – este, por sua vez, é pensado como o grupo de locais públicos da cidade onde os praticantes da Wicca circulam, se relacionam, realizam diversas atividades e praticam rituais. Além disso, os membros do coven comumente se envolvem em atividades públicas em Belém, como foi o caso da roda de conversa “Ecoespiritualidades para um outro pensamento político”, realizada durante a ocupação cultural Solar das Artes, no Solar da Beira (Feira do Ver-o-Peso), na qual o sacerdote e a sacerdotisa do grupo, juntamente com um dos autores, mediaram um debate sobre o papel de ecoespiritualidades como a Wicca na construção de novos paradigmas político-sociais.

A Fundação Cultural do Estado do Pará – CENTUR e o Parque da Residência também podem ser considerados pontos do circuito wiccaniano na cidade, pois, nesses locais acontecem algumas celebrações públicas do *coven* Casa de Avalon, liderado por Suely Cals, uma figura pública e midiática na cidade de Belém.<sup>6</sup> Nesse caso, conforme observamos em campo, tem-se um grupo formado por 17 pessoas que em suas celebrações públicas atrai um público que não é wiccaniano. Na noite do dia 29/10/2014, estivemos no CENTUR para observar a celebração pública de *Samhain* do Casa de Avalon. Ao chegar, fomos surpreendidos pela cena que encontramos no *hall* do local: várias pessoas estavam sentadas em cadeiras que iam de uma extremidade lateral a outra do CENTUR, sendo que os membros do *coven* se posicionavam ao meio das fileiras de cadeiras, onde havia também uma mesa com o altar do ritual contendo um caldeirão ao centro e decorado com velas, frutas, taças, entre outras coisas. A cena nos surpreendeu devido à quantidade de pessoas presentes no local (cerca de 70), pois tivemos a oportunidade de participar de outros rituais da Wicca, nos quais o número de participantes era bem inferior. Esse público era constituído, sobretudo, de senhoras de meia idade aparentemente de alto poder aquisitivo, mas havia também mulheres mais jovens e muitos homens, entre senhores e jovens, além de crianças levadas pelas suas famílias. Esse dado despertou nossa curiosidade, de forma que abordamos alguns dos presentes indagando-os sobre o que iria acontecer ali. As respostas foram distintas, pois enquanto havia alguns sujeitos que disseram não saber o que aconteceria e que estavam lá apenas observando, tendo sua curiosidade atraída pela vestimenta das adeptas (bem semelhante à figura da bruxa no romantismo, com vestidos e chapéus pontudos pretos) bem como pela movimentação em torno do evento, havia ainda os que afirmavam saber o que aconteceria, “um ritual da Suely Cals”. Nesse caso, o ritual parecia funcionar como uma teatralização das práticas wiccanianas, sendo exibido para pessoas que, em sua maioria, sequer sabiam o que é Wicca.

O circuito wiccaniano em Belém se torna mais evidente ao observar os fluxos que se desdobram no caso da Abrawicca (Associação Brasileira de Arte e Filosofia da Religião Wicca), que em sua essência não é um *coven*, mas uma associação nacional que possui ramificações em diversos estados brasileiros. Essa associação realiza diversas atividades em Belém, entre elas: círculos de leitura, minicursos sobre temas de interesse dos wiccanianos (vivência com as ninfas, jornada de cura dos chakras, astrologia, confecção de tambores



xamânicos, Wicca 1, entre outros), *workshops*, círculo de mulheres e círculo de homens, além de rituais públicos de *sabbat* e *esbat*. Os três responsáveis pela Arawicca em Belém fazem parte da Tradição Diânica do Brasil (que, assim como a Arawicca, possui sede em Brasília/DF, na Chácara Templo da Deusa) e, entre si, constituem um *coven*, realizando rituais e atividades privados paralelos aos encontros promovidos pela associação. Esses encontros são responsáveis por atrair um grande número de pessoas, entre adeptos da Wicca, de outras tradições neopagãs e neoesotéricas, além de simpatizantes da religião que pretendem tornarem-se iniciados. Entre os locais onde as atividades da Arawicca acontecem, destacam-se o Bosque Rodrigues Alves, Complexo Ver-o-Rio, Horto Municipal, Praça da República, Espaço Vida, além de sítios localizados na região metropolitana, onde *sabbats* como Beltane e Samhain costumam ser celebrados. A Universidade do Estado do Pará (UEPA) também se apresenta como um espaço utilizado para os encontros dessa associação. Esse foi o caso da vivência “O culto aos ancestrais na Wicca”, facilitada pelos sacerdotes Hazel Anthea Garda e Edan Au Nefer, ambos de Brasília/DF, e da palestra “O Todo e a Deusa Imanente no Pensamento de Spinoza – uma visão da filosofia acadêmica sobre as crenças wiccanianas”, ministrada pelo sacerdote Chronos Phaenon Eosphoros, também de Brasília. Esta última foi realizada nas dependências do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, no Centro de Ciências Sociais e Educação da UEPA e contou com a presença de diversas pessoas, entre acadêmicos de cursos como Ciências da Religião e Filosofia e adeptos da Wicca.

No caso da Arawicca, as práticas realizadas são de origem diânica, vertente da religião que surgiu na década de 1970 com o fortalecimento das ideias feministas e da “chegada” da Wicca aos Estados Unidos. Na wicca diânica há uma exaltação da figura da Deusa, vista como o princípio criador do universo, além de ser mãe e amante do Deus Cornudo.<sup>7</sup>

Os outros três grupos wiccanianos de Belém se identificam como praticantes de uma Wicca eclética, isto é, que mescla diversas tradições da religião. Entretanto, o caso do *Anam Cara* parece ser singular. Conforme verificado em campo, o momento inicial dos rituais desse *coven* apresenta elementos da magia cerimonial praticada na wicca gardneriana, tradição da religião que foi sistematizada por Gerald Gardner.<sup>8</sup> Além disso, percebemos forte influência xamânica nos rituais desse grupo, com danças circulares indígenas, entoação de cânticos sagrados das tradições xamânicas da América Latina, toque

de tambor xamânico e flauta, etc. O sacerdote do covente teve contato com essas tradições em uma viagem de um ano que fez por países da América do Sul, na qual conheceu diversos xamãs que trabalham com achuma, ayahuasca, peyote, temazcal, etc. O bruxo explica que buscou trazer essa influência xamânica para o ritual wiccaniano na intenção de trabalhar o êxtase e a elevação da energia, além de incitar nos participantes o trabalho com os seus corpos e as suas energias.

Além da Wicca, outro grupo religioso que constitui o paganismo contemporâneo e está presente na cidade de Belém é o chamado Druidismo, que busca resgatar o culto e os saberes de povos da civilização celta. Há pouquíssimas evidências científicas que comprovam a existência de uma antiga religião céltica, praticada entre os povos nativos da atual Grã-Bretanha anteriormente à conversão cristã, no entanto sabe-se que houve uma classe sacerdotal entre esses povos, os druidas (Donnard, 2006). Em vários momentos da história houve a tentativa de voltar a essas práticas, oriundas de pequenos grupos de renascimento druídico surgidos no Reino Unido, porém o Reconstrucionismo Celta surgido em meados da década de 1980 nos Estados Unidos foi o maior responsável pela difusão dessas práticas na modernidade.

O grupo druídico *Clann an Samaúma* se apresentou como o único dessa vertente do Neopaganismo na cidade de Belém. Formado em 2011, mas tendo passado por um processo de reorganização em 2014, esse grupo realiza encontros privados de estudo e prática religiosa, mas também leva seu conhecimento para a comunidade neopagã da cidade através de atividades realizadas no espaço público – como foi o caso da Celebração do Dia da Terra citada anteriormente. Além disso, o *Clann* possui um “grupo semente”, no qual instruem alguns interessados na cultura celta previamente inscritos através de encontros mensais no Museu Paraense Emílio Goeldi. A socialização dos membros com os demais praticantes de Druidismo no Brasil acontece, sobretudo, por meio da internet e da participação no Encontro Brasileiro de Druidismo e Reconstrucionismo Celta, realizado anualmente em diferentes cidades brasileiras.<sup>9</sup>

O druidismo praticado pelo *Clann an Samaúma* tem como base um calendário litúrgico que se volta para a adoração dos ciclos da natureza de acordo com os saberes dos povos celtas. Essa prática, entretanto, não se afasta completamente das raízes amazônicas dos adeptos. Segundo a líder do grupo, a

ligação entre as culturas celta e amazônica no interior do grupo é natural, já que “o Druidismo praticado na Inglaterra, por exemplo, é muito diferente no Brasil, não só pela questão da natureza que é diferente mas pela nossa carga cultural também”<sup>10</sup>. Uma exemplificação disso é a maneira pela qual o grupo celto-druidico-amazônico enxerga a ancestralidade e os espíritos da natureza, pois, de acordo com a líder:

No druidismo e no Reconstrucionismo Celta tem a crença nas Três Famílias, ou seja, Família de sangue, Família da terra e Família da alma. A Família da terra diz respeito justamente aos povos nativos da região e aos espíritos da natureza. E obviamente, eles não são os mesmos que os espíritos da Europa céltica. Basicamente as influências da região se resumem nisso. Tem também a questão do clima e das estações, que na Amazônia se resumem à estação das chuvas e estação das poucas chuvas (seca), nosso Samhain e Beltane.

Ou seja, no caso da Amazônia, a “família da terra” mencionada pela druidista corresponde aos povos indígenas e diferentes espíritos da mata amazônica. A reverência a essa ancestralidade nativa ficou evidente na atividade em celebração ao Dia da Terra promovida pelo grupo no Bosque Rodrigues Alves, no qual danças circulares e cânticos sagrados dos Yawanawá constituíram a ritualística.

Alguns grupos neopagãos presentes em Belém procuram realizar uma ligação mais profunda com a “cultura mãe”, buscando não apenas praticar uma religião inspirada em antigas civilizações, mas também reviver seus hábitos e costumes nas relações sociais do cotidiano e da prática em grupo. Esse é o caso do Clã Draka, praticante de Odinismo, e do grupo que se auto-intitula como Tradição Ítalo-Godélica. Esses grupos tomam como base o modo de vida tribal das civilizações escandinava (primeiro caso) e celta (segundo caso), organizadas em clãs e pequenos reinos. No primeiro caso, verificou-se um grupo formado por jovens que honram divindades nórdicas em seus rituais e possuem entre si hábitos do que chamam de “tribalismo odinista”, isto é, princípios morais e éticos que norteiam as relações pessoais nos moldes das civilizações escandinavas. No espaço urbano de Belém, o Clã Draka realiza algumas atividades na Praça da República, onde se reúnem para rodas de conversa sobre o Odinismo. No caso da Tradição Ítalo-Godélica,<sup>11</sup> o grupo busca reviver práticas e hábitos de uma região na qual povos celtas receberam influência etrusca.<sup>12</sup> Entre o grupo há uma relação semelhante a da família, ainda que seus membros não sejam

necessariamente familiares de sangue. Nessa tradição são cultuadas, sobretudo, divindades celtas. Há ainda o culto aos ancestrais que pertenceram à tradição, chamados de "luminares", tidos como entidades ou guias dos membros da tradição. Esses luminares são incorporados pelos membros do grupo durante os rituais. Essa é uma das diferenças básicas dessa tradição para as demais tradições neopagãs em Belém, pois nesse caso a incorporação é parte fundamental dos rituais. Nesse contexto, o líder do grupo é chamado de "chefe de família" pelos demais membros e há uma relação de cordialidade com os convidados para os ritos que remete aos tempos antigos, dos clãs e reinos pagãos.

Em outro caso, o neopaganismo se manifesta em Belém especialmente através da retomada do sagrado feminino. O grupo Iniciações Femininas – Caminho Sagrado Tonantzin é liderado por uma mulher chilena que conduz círculos de mulheres e rituais com o uso da ayahuasca. Os círculos de mulheres funcionam de maneira lúdico-espiritual, isto é, diversas atividades como pintura, confecção de mandalas, danças, etc., além de meditações e consultas de *tarot*, são realizadas na intenção de fazer com que as participantes possam acessar a sua "deusa interior" e, assim, conectar-se ao seu *self*. O trabalho é feito para que as participantes pratiquem o exercício de resgatar o poder feminino que é silenciado pela civilização ocidental, segundo a líder. Os rituais em que há o uso da bebida indígena ayahuasca são realizados de duas formas: na primeira, de influência xamânica, há somente a participação de mulheres e são feitas conexões com a Deusa chilena Tonantzin, representação da Mãe Terra; na segunda, a líder e o seu marido conduzem um trabalho mais abrangente – com a participação de mulheres e homens – que possui influências da União do Vegetal, do esoterismo de Helena Blavatsky e do xamanismo urbano, havendo a invocação do Deus Sol, da Deusa Lua e de espíritos da natureza. Dessa forma, constata-se uma mescla entre Espiritualidade Feminina e neoxamanismo nas práticas do grupo. Nesse caso a situação é semelhante à que verificamos no coven *Anam Cara*, isto é, os rituais são realizados na residência da liderança, de forma privada, mas há uma abertura para interessados que queiram conhecer as práticas. Ou seja, as fronteiras entre o privado e público não estão tão delimitadas como em outros casos mencionados anteriormente.

Os dados empíricos evidenciam uma diversidade de práticas neopagãs no caso da cidade de Belém. Diversos grupos são responsáveis por compor um

circuito urbano entremeado pela ecoespiritualidade. Cabe ressaltar que esses grupos são pequenos e, em sua essência, privados. Além disso, os membros não parecem estar preocupados com o crescimento do número de adeptos dessas religiões, mas se apresentam à disposição de quem quiser acessar de forma mais profunda os conhecimentos de tais filosofias religiosas.

Sendo assim, em um contexto urbano cujo *ethos* religioso é fincado, sobretudo, no cristianismo, o Neopaganismo se apresenta como uma alternativa às religiões tradicionais, com visões de mundo que se distanciam dos paradigmas ocidentais respaldados pelas grandes instituições religiosas, como relação harmoniosa com a natureza, reconhecimento de um sagrado feminino, busca pelo autoconhecimento, etc. Esse distanciamento ideológico do mundo que os cerca faz com que os neopagãos desenvolvam entre si uma sociabilidade afetiva, marcada pela importância do papel da comunidade, conforme veremos a seguir.

## **2. O neopaganismo e sociabilidades no espaço urbano.**

É possível dividir os adeptos de religiões neopagãs, tanto no Brasil quanto em outras partes do mundo, em dois tipos: os que praticam a religião dentro de covens, grupos e tradições e os praticantes solitários. Os primeiros vivenciam a religião dentro de uma estrutura ritualística e iniciática, promovem rituais e encontros com forte contato presencial entre os membros do grupo. Já os segundos estabelecem um culto privado baseado em informações encontradas em livros e na internet, e podem não estar agregados a outros praticantes. É difícil quantificar ou obter informações sobre essas pessoas, porém as entrevistas realizadas com neopagãos em Belém, mostram que a maioria deles começou desta forma seu envolvimento com a religião.

Na prática, essas fronteiras são fluidas, pois nas grandes cidades do Brasil, os eventos públicos têm funcionado como catalizador e espaço de agrupamento entre adeptos, simpatizantes e curiosos. Assim, um caminho comum de entrada no universo neopagão é começar com uma prática solitária, que se dá por meio de estudos em livros e internet, depois passar a frequentar eventos públicos, para em seguida juntar-se a um coven ou grupo. Por conta das fronteiras fluidas entre os grupos estruturados e os praticantes solitários é difícil quantificar quantos são os adeptos de religiões neopagãs em Belém.

Não há como obter dados estatísticos censitários sobre o número de adeptos do Neopaganismo no Brasil. Nos últimos censos houve um aumento do percentual dos que se declaram sem religião, que são hoje 8% da população, ou 15 milhões de pessoas. Dentro deste percentual encontram-se os chamados buscadores religiosos, pessoas que transitam por diversas práticas e espiritualidades, ou podem estar ligadas a Novos Movimentos Religiosos cujas ferramentas do censo não permitem identificar (Luiz, 2013). Como não existe um quesito “paganismo” que possa ser assinalado pelos participantes do censo, obviamente aqueles que praticam a religião não podem ser medidos estatisticamente. Nenhum dos quesitos do censo se adequa ao que é o paganismo e um pagão poderia se enquadrar em múltiplas respostas. No censo de 2010, 74.013 pessoas responderam pertencer a “tradições esotéricas”, 63.082 a “tradições indígenas” e 11.306 estão em “outras religiosidades”. Provavelmente em qualquer um destes campos encontramos respostas de pagãos.

Um *survey* realizado por Karina Bezerra (2012) na região metropolitana do Recife a partir de entrevista com 40 adeptos da Wicca contactados por meio da internet apontou que a maioria dos praticantes possui ensino superior em andamento ou completo (65%), idade entre 20 e 30 anos (55%), são solteiros (88%) e sem filhos (90%).

Esses dados corroboram em linhas gerais as observações feitas por nós em Belém, utilizando metodologias qualitativas. Quanto à idade, é visível a maior frequência de jovens abaixo dos 30 anos nos rituais. Com relação à escolaridade, o praticante de Wicca possui grande acesso à leitura e alta escolaridade, o que é compreensível pois uma das principais formas de reprodução da religião é por meio de livros e internet. Pelo contato que tivemos com os demais grupos neopagãos é possível dizer que este perfil jovem, escolarizado e de classe média predomina em todos eles.

Um dos fatores que explica essa curiosidade pela religião entre os jovens é a grande quantidade de produtos da cultura de massa cujo conteúdo é relacionado a uma imagem idealizada da bruxaria e do paganismo. Enquanto personagens literários e posteriormente cinematográficos, bruxos, vampiros, elfos, fadas, dragões e gnomos são destaque desde o século XIX. Séries e romances como os de Anne Rice, Bram Stoker, Marion Z. Bradley, J.R.R. Tolkien e outros fizeram sucesso na literatura e tiveram versões populares no cinema.

Produtos da cultura de massa como as séries de televisão “Game of Thrones”, os jogos de RPG como Dungeons & Dragons e as bandas de heavy metal celta e/ou nórdico, completam o cenário de exaltação do imaginário pagão.

Nos anos 2000, a série Harry Potter fez ressurgir o interesse pela bruxaria e esoterismo em uma versão juvenil de profundo apelo popular. Entre jovens que frequentam encontros neopagãos é possível encontrar muitos cuja leitura de livros da série Harry Potter serviram de inspiração para o despertar da curiosidade pela bruxaria, o que segundo eles, mais tarde deu ensejo a busca de leituras de conteúdo mais “sério”.

Outra porta de entrada para o universo da Wicca são as revista e almanaques de bruxaria vendidos em bancas de jornal a baixo custo e com foco em um público adolescente. Essas revistinhas têm como grande idealizadora a bruxa Eddie Van Feu, extremamente popular entre adolescentes e curiosos, mas fortemente rechaçada pelos líderes de covens e tradições de Wicca no Brasil como alguém que não pratica a bruxaria a sério, estando interessada apenas em ganhos econômicos. Séria ou não, as publicações de Eddie Van Feu ajudam a divulgar a Wicca entre os jovens.

Em Belém, a única das líderes religiosas pesquisadas que tem relação com a imprensa é Suely Cals, que possui uma coluna sobre esoterismo em um jornal de grande circulação na cidade. Talvez isto explique porque o seu ritual contou também com a presença de pessoas de uma faixa etária mais velha do que a dos outros grupos neopagãos, já que jornais não são mais tão utilizados entre os jovens, que preferem a internet como fonte de informação.

A internet é de longe o principal meio de divulgação de informação sobre neopaganismo. Uma simples pesquisa em buscadores da internet ajuda a descortinar uma grande quantidade de blogs e websites destinados a discussão sobre Wicca, bruxaria e as demais vertentes neopagãs. Existem sites de profissionais do mercado esotérico, que divulgam seus serviços juntamente com algumas informações sobre práticas da Wicca e de outros ramos do esoterismo, blogs de praticantes solitários, sites e blogs das principais tradições e de seus líderes. Existe uma vasta gama de informação disponível ao público a respeito de religiões neopagãs, por mais que os praticantes ligados a covens e grupos coloquem a grande maioria deste material sob suspeita.

O universo do neopaganismo pode ser compreendido, em seu sentido amplo, como um *continuum* que vai desde jovens consumidores de produtos da cultura de massa que possuem pouco ou nenhum conhecimento sobre os princípios doutrinários e teológicos das religiões, até grupos organizados, com estrutura litúrgica e iniciática rígida. Alguns dos líderes desses grupos mais formais também estão organizados em associações civis sem fins lucrativos, que lutam por direitos e reconhecimento jurídico enquanto religião.

À primeira vista, pode parecer que existe uma enorme discrepância e até conflito de interesses entre os dois polos deste *continuum*, porém, eles não estão distantes uns dos outros. Isso porque geralmente é entre os jovens consumidores de produtos de cultura de massa e materiais de informação sobre a religião considerados pouco “sérios” que são recrutados os novos adeptos de religiões neopagãs. É partir de leituras como Harry Potter e Eddie Van Feu que adolescentes de menos de 18 anos passam a buscar informação na internet, onde geralmente encontram grupos religiosos neopagãos e passam a frequentar seus eventos.

E o que significa se tornar de fato um neopagão? Esse ponto também é controverso porque existem grupos que não reconhecem as iniciações e práticas solitárias (Duarte, 2013). Em linhas gerais é considerado pagão aquele que se identifica com alguma das vertentes do paganismo, celebra seus rituais e busca conhecimento sobre o conjunto de deuses e crenças característicos da mesma. As práticas religiosas neopagãs vão de encontro a diversos anseios do homem moderno. Trazem conexão com a natureza para um estrato social que vive em cidades, engajamento com questões sociais, e uma intensa valorização do elemento lúdico e estético.

As religiões neopagãs possuem caráter iniciático. Seus buscadores e aprendizes podem ser iniciados por praticantes mais experientes em covens, clãs, heathens ou tradições, mas também é comum (apesar de polêmico no meio) a auto-iniciação. A iniciação simboliza o ingresso propriamente dito nos mistérios de uma das religiões neopagãs, e dessa forma os neopagãos escolhem nomes iniciáticos ou nomes pagãos e adotam para si, como simbolismo para a “morte” da vida interior e o “renascimento” de uma nova vida, como um sacerdote ou sacerdotisa neopagão. Os nomes pagãos também funcionam como elemento



identitário do sujeito em questão, uma vez que o nome adotado reflete a forma como ele ou ela quer ser reconhecido na comunidade neopagã.

As atividades rituais desenvolvidas em espaço público são a porta de entrada para este universo religioso e colocam-se a meio caminho entre o espiritual e o lúdico. Se por um lado para aqueles que celebram as cerimônias trata-se de um ritual, que segue parâmetros litúrgicos específicos, para aqueles que observam ou participam por curiosidade, trata-se de um momento lúdico e de sociabilidade. São atividades que acontecem nos fins de semana em espaços urbanos voltados para o lazer, como bosques e praças, e que possuem, além do aspecto religioso, um forte conteúdo identitário.

Michel Maffesoli (2006), em sua obra *O Tempo das Tribos*, propõe uma caracterização dessas formas de agregação caracterizadas muito mais por conteúdos afetivos e fluídos do que por vínculos formais de *sociabilidades*, e chama os grupos dela advindos de neotribalismos. Essa forma de pertencimento é mais comum entre jovens do meio urbano e nem sempre tem apelo religioso. José Guilherme Magnani oferece interessante contribuição ao debate:

Com o objetivo, porém, de oferecer uma alternativa a esses enfoques e assim poder dialogar com eles na forma de contraposição e/ou complementaridade, proponho outra denominação, “circuitos de jovens”, e outro ponto de partida para a abordagem do tema do comportamento dos jovens nos grandes centros urbanos. Em vez da ênfase na condição de “jovens”, que supostamente remete a diversidade de manifestações a um denominador comum, a idéia é privilegiar sua inserção na paisagem urbana por meio da etnografia dos espaços por onde circulam, onde estão seus pontos de encontro e ocasiões de conflito, e os parceiros com quem estabelecem relações de troca (Magnani, 2005, p. 177).

Assim, o autor desloca o foco de observação para os espaços ocupados por estes grupos de jovens e a forma como os grupos deslocam-se entre eles, propondo conceitos como *mancha* e *pedaço* para caracterizar esse movimento. A abordagem espacial se mostra interessante no caso dos grupos neopagãos, pois permite identificar como esses jovens se inserem na paisagem urbana. Porém, para melhor caracterizar esses grupos é preciso atentar para um outro fator, o conteúdo religioso atribuído com frequência a estes espaços.

Tendo em vista a grande diversidade de interesses e motivações que levam as pessoas aos rituais neopagãos na cidade, é possível caracterizar como religioso esse tipo de pertencimento? O elemento religioso nos rituais neopagãos

é evidente, já que supõe a busca de conexão com uma realidade metaempírica. Neste sentido recorreremos à definição de espiritualidade proposta por Hanegraaff e retomada por Silas Guerriero:

Uma religião, entre as inúmeras possíveis, se caracteriza pelo fato do sistema simbólico estar sempre organizado sob a forma de uma instituição social. Assim, uma religião necessita inevitavelmente de um grupo articulado em torno de um conjunto de mitos, com hierarquia e papéis definidos, e de uma doutrina que manifeste ou demonstre um conhecimento sistematizado. Embora usualmente localizemos a religião apontada inicialmente (no singular) com essas formas de religiões (no plural), ela pode se manifestar naquilo que Hanegraaff denominou espiritualidades. Para ele, uma espiritualidade é qualquer prática humana que mantém contato entre o mundo cotidiano e um quadro metaempírico mais geral de significados por meio de manipulações individuais de sistemas simbólicos (Hanegraaff, 1999a, p. 372 *apud* Guerriero, 2014, p. 921).

No caso das espiritualidades neopagãs, esta conexão com a realidade metaempírica não se dá por meio de elementos e práticas institucionais, como nas religiões tradicionais. Nos circuitos urbanos neopagãos, a relação com o transcendente ocorre pela via de práticas de sociabilidade e também produz essas sociabilidades. Existe um movimento de retroalimentação entre a busca religiosa e a formação de circuitos urbanos. Neste sentido, podemos falar de *circuitos neopagãos*, que são compostos predominantemente por jovens, mas não apenas por eles. Os *circuitos neopagãos* são o conjunto de espaços e eventos promovidos por grupos e organizações neopagãs com o objetivo de divulgar a sua prática religiosa e/ou contribuir para debates políticos importantes da sociedade, assim como vivenciar a socialidade entre adeptos, isto é, estabelecer e alimentar o vínculo afetivo da comunidade neopagã. Esses *circuitos neopagãos* são os grandes responsáveis pelo recrutamento de novos adeptos para as religiões.

A construção destes novos pertencimentos religiosos no espaço urbano tem também consequências para a maneira como a cidade percebe o pluralismo religioso e como essas religiões se mostram no espaço público, o que será o tema do próximo tópico.

### **3. Novas religiões no espaço público: contribuição para o pluralismo religioso**

Historicamente o Brasil não possui uma trajetória de muito sucesso na questão do pluralismo religioso. Durante o período colonial a religião católica foi imposta a centenas de grupos étnicos, contribuindo para homogeneizar o panorama religioso da nação, que desde a sua primeira constituição consagra formalmente a liberdade de culto, o que nem sempre acontece na prática.

Nas primeiras décadas do século XX, essa liberdade só funcionou para o catolicismo e para as igrejas evangélicas que começavam a se implantar no país. Enquanto isso, as religiões mediúnicas, o espiritismo e as religiões afro-brasileiras, foram duramente perseguidas sob a acusação de charlatanismo e outros crimes:

Todo o debate que desemboca no Código Civil de 1917, como já havia formulado em outro texto, “versou quase nunca sobre a ‘religião’ que teria ‘liberdade’, quase sempre sobre a ‘liberdade’ de que desfrutaria a ‘religião’” (Giumbelli 2002:276). Ou seja, sua referência era a Igreja Católica e um catolicismo eclesial, sobre os quais não havia dúvidas sobre seu estatuto de “religião”. É muito interessante constatar que, contemporaneamente, ocorria aí sim um debate sobre a aplicabilidade do conceito de religião aos cultos que a literatura acadêmica chama de mediúnicos. Esse debate remetia às questões da saúde pública, um domínio que na passagem do século XIX para o XX mobilizou regulamentações massivas e pretendeu figurar como principal dimensão da vida comum (Giumbelli, 2008, p. 84).

Desde a constituição de 1988, que garantiu a liberdade de culto e crença, líderes religiosos não-cristãos têm buscado inserção em políticas públicas e maior visibilidade na sociedade. No caso da Wicca, os líderes desta religião encontram-se em um processo de busca por maior institucionalização, são pessoas com formação superior, até mesmo jurídica, e buscam uma inserção de sua religião em debates públicos, especialmente no que diz respeito a questão da liberdade religiosa (Terzetti Filho, 2014). Todas as religiões neopagãs são contrárias ao proselitismo, no entanto, os eventos públicos funcionam como espaços de divulgação da religião.

A ocupação do espaço público por atividades comandadas por neopagãos contribui para pluralizar o cenário religioso de Belém. Acostumados às grandes procissões católicas, ou a pregação ruidosa dos pastores evangélicos, os

moradores da cidade aos poucos vão se habituando a ver novas práticas religiosas no espaço público, trazidas por grupos pouco conhecidos até então.

Segundo relato postado no grupo de Facebook da Arawicca, sessão Belém, pela coordenadora local, o seu marido presenciou a seguinte cena, enquanto o grupo celebrava um ritual público no Horto Municipal:

Uma criança que aparentava nove anos, sentada no Café com pai, ao olhar o início de nosso ritual com a abertura do círculo/chamada dos quadrantes, pergunta:

- Pai o que eles estão fazendo? Estão rezando? O pai olha o círculo e diz: - provavelmente estão filha!

A filha continua: - parece uma família. Estão rezando sim deve ser para alguém. Porque eles não estão rezando na igreja?

E o pai: - filha, Deus está em todos os lugares, por isso que eles estão aí perto da natureza, devem estar rezando para Deus cuidar de todos nós<sup>13</sup>.

A cena descrita na página da associação no Facebook, leva a pensar as transformações das sensibilidades religiosas provocadas por este tipo de acontecimento. Neste caso, a reação da criança foi de espanto, e de simpático acolhimento por parte do pai. Na maioria das vezes, o comportamento dos passantes em locais onde são realizados os rituais é de curiosidade, limitando-se a observar sem interferir, porém, outras situações não tão amistosas já ocorreram com neopagãos.

Em Belém, os pagãos afirmam ter tido poucas experiências de intolerância religiosa. Um praticante relata um fato ocorrido no Ver-o-Rio durante as celebrações do dia mundial da Deusa, segundo ele, três pastores se aproximaram do grupo:

E depois ele voltou com mais dois, e quando ele voltou, ele começou a rodear, começou a dar voltas, e a gente estávamos cantando, com tambores xamanicos, e quando a gente viu a aproximação deles, a gente cantou mais alto ainda, mais alto, mais alto... eu não escutei, mas a Arien, a Rayane, que estavam lá perto deles, eles falaram alguma coisa assim, eu não tô lembrado, mas eles falaram coisas tipo “ah sei lá, isso não é de Deus, e coisa do tipo”, e depois foram embora. Pra tu veres, como nós somos coagidos, como somos impedidos de fazer nosso culto<sup>14</sup>.

Os praticantes de religiões neopagãs já estão atentos à necessidade de institucionalização para combater tais práticas e para buscar maior visibilidade e reconhecimento a sua religião. Essa iniciativa parte mais fortemente de grupos

ligados a Wicca, que é a religião neopagã numericamente mais expressiva no Brasil. Atualmente existem três associações civis criadas com o intuito de normatizar a religião: Igreja Brasileira de Wicca e Bruxaria (IBWB), a União Wicca do Brasil (UWB) e a Associação Brasileira de Arte e Filosofia da Religião Wicca (Abrawicca). Seus líderes participam ativamente de discussões a respeito da liberdade religiosa, ocupando espaços políticos como a comissão para a Diversidade Religiosa, do Governo Federal. Recentemente a Abrawicca lançou um documentário de 20 minutos sobre a intolerância religiosa sofrida por pagãos, onde há diversos relatos de situações enfrentadas por pagãos como dificuldades para realizar rituais, problemas no emprego ou na escola dos filhos.

Por outro lado, a movimentação em torno de atividades e eventos pagãos no espaço público não parte apenas de instituições constituídas como entidades civis com fins políticos. Os eventos neopagãos acontecem também por iniciativas informais de jovens e pequenos grupos que possuem apenas o intento de encontrar-se e socializar-se. São “circuitos de jovens”, no sentido que atribui Magnani (2005).

A simples observação dos locais e do perfil de público que frequenta os diferentes rituais neopagãos em Belém permite atentar para a diversidade de práticas e públicos existentes entre eles. Entre os membros do grupo Odinista, que também são adeptos da cultura *heavy metal*, os encontros de discussão sobre a religião costumam acontecer na Praça da República, aos domingos à noite, um horário e local onde a praça é ocupada por jovens ligados a diversas tribos, como góticos, *headbangers*, *punks* e outros. O grupo de Suely Cals realiza alguns rituais no Centur, espaço que abriga também a biblioteca pública municipal e eventos culturais locais. Os adeptos do druidismo e da Abrawicca preferem praças e áreas verdes, podendo também organizar cursos e oficinas no espaço da universidade ou em centros holísticos.

A ocupação do espaço público por neopagãos vai desde atividades que têm aspecto lúdico, recreativo e de sociabilidade a outras de cunho mais político. Como o evento organizado pelo coven *Anan Cara*, a palestra “Ecoespiritualidades para um outro pensamento político”, que aconteceu durante a ocupação cultural do Solar da Beira, um prédio histórico abandonado pela prefeitura que foi ocupado por cerca de um mês por um grupo de artistas com o objetivo de pressionar a prefeitura a transformar o local em um centro cultural.

As formas dinâmicas e multifacetadas como os pagãos apresentam-se no espaço público reflete também características destes grupos. Essa inserção varia desde intervenções estratégicas e organizadas com o objetivo de obter reconhecimento jurídico e político até ocupações informais, cujo objetivo maior é a construção de redes de sociabilidade.

### **Considerações Finais**

Neopaganismo é um termo genérico sob o qual abrigam-se uma grande diversidade de grupos religiosos que tem em comum apenas a busca por conexão com deuses antigos, ou pré-cristãos. A expansão e visibilidade desses grupos reflete transformações na sensibilidade religiosa contemporânea, relacionadas à crise de instituições religiosas convencionais e busca por novos modelos de sociabilidade e espiritualidade.

As diversas práticas rituais e de sociabilidade entre neopagãos mostram que o neopaganismo é um movimento religioso multifacetado, com forte apelo às camadas médias urbanas, principalmente entre os jovens. Apesar de nomeadamente o principal propósito dos encontros realizados por grupos neopagãos ser religioso, esses eventos criam redes de sociabilidade e também articulam práticas de militância política.

O neopaganismo pode ser compreendido com um movimento religioso herdeiro da Nova Era, no sentido que possui em comum com ela muitas características, como o individualismo e a dispersão dos participantes que se agrupam em torno de práticas com contornos pouco definidos (D'Andrea, 2000; Amaral, 2000; Siqueira, 2002). Por outro lado, se distingue da Nova Era por possuir um impulso maior de regulação e institucionalização, ficando a meio caminho entre a religião e a espiritualidade.

Enquanto uma nova religião que surge no panorama religioso brasileiro, sua presença no espaço público coloca questões referentes à diversidade religiosa no país. Por outro lado, enquanto motor de formação de sociabilidades urbanas, o neopaganismo fornece respostas espirituais a jovens de uma geração que cresceu desencantada com as instituições religiosas tradicionais. Ainda não é possível precisar o impacto destas religiões na sociedade brasileira, porém, mais

pesquisas fazem-se necessárias no sentido de conhecer melhor os anseios deste grupo religioso em expansão.

### Referências bibliográficas

ADLER, Margot. *Drawing Down the Moon: witches, druids, Goddess-worshippers and other pagans in America*. 4. ed. USA: Penguin Books, 2006.

AMARAL, Leila. *Carnaval da alma: comunidade, essência e Sincretismo na Nova Era*. Petrópolis: Vozes, 2000.

BEZERRA, Karina Oliveira. *A Wicca No Brasil: adesão e permanência dos adeptos na região metropolitana do Recife*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). UNICAP, Recife, 2012.

CORDOVIL, Daniela. O poder feminino nas práticas da Wicca: uma análise dos “Círculos de Mulheres” e suas participantes. *Estudos Feministas*, vol. 23, n. 2, 2015 p. 431-449.

D’ANDREA, Anthony. *O Self Perfeito e a Nova Era: individualismo e reflexividade em religiosidades pós-tradicionais*. São Paulo: Loyola, 2000.

DONNARD, Ana. As Origens do Neo-Druidismo: Entre Tradição Céltica e Pós-Modernidade. *Estudos da Religião*, n. 2, 2006, p. 88-108.

DUARTE, Janluis. *Reinventando Tradições: representações e identidades da bruxaria neopagã no Brasil*. Tese (Doutorado em História). UnB, Brasília, 2013.

GUERRIERO, Silas. Até onde vai a religião: um estudo do elemento religioso nos movimentos da Nova Era. *Horizonte*, vol. 12, n. 35, 2014, p. 902-931.

GIUMBELLI, Emerson. A presença do religioso no espaço público: modalidades no Brasil. *Religião e Sociedade*, vol. 28, n. 2, 2008, p. 80-101.

LOPES, Marina. *Sob a sombra do carvalho: a espacialização do imaginário neodruídico na metrópole paulistana*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). PUCSP, São Paulo, 2008.

LUIZ, Ronaldo Robson. A religiosidade dos Sem religião. *Ciencias Sociales y Religión/ Ciências Sociais e Religião*, Porto Alegre, año 15, n. 19, 2013, p. 73-88.

MAFFESOLI, M. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Os circuitos dos jovens urbanos. *Tempo Social, Revista de Sociologia da USP*, vol. 17, n. 2, 2005, p. 173-202.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade*. 3. ed. São Paulo: Hucitec/UNESP, 2003.

PIERUCCI, Antonio Flavio. “Bye, bye, Brasil”. O declínio das religiões tradicionais no censo de 2000. *Estudos Avançados*, vol. 18, n. 52, 2004, p. 17-28.

SIQUEIRA, Deis. Novas religiosidades na Capital do Brasil. *Tempo Social, revista de Sociologia da USP*, vol. 14, n. 1, 2002, p. 177-197.

TEREZETTI FILHO, Celso Luís. A institucionalização da Wicca no Brasil: entrevista com a bruxa wiccaniana Mavesper Cy Ceridwen. *REVER*, ano 14, n. 2, 2014, p. 279-290.

---

<sup>1</sup> Cf. Adler, 1979 e Duarte, 2013.

<sup>2</sup> Nesse caso, a inspiração nas civilizações européias não aparece como uma máxima. Diversas práticas de neoxamanismo, ou xamanismo urbano, estão ligadas a contextos culturais e geográficos específicos, onde busca-se a inspiração nos saberes e na cosmologia de povos nativos da região onde o neoxamã atua.

<sup>3</sup> Pagão é um termo que advém do latim *paganus* e significa “aquele que vive no campo”.

<sup>4</sup> Essa questão será retomada como alvo de uma discussão mais específica sobre o Neopaganismo e o espaço público em outro momento deste artigo.

<sup>5</sup> Os *sabbats* fazem parte do corpo litúrgico da Wicca e correspondem a rituais realizados nas mudanças sazonais, observando e reverenciando o movimento do sol ao longo do ano. Esses rituais se repetem ano a ano, em um ciclo que os wiccanianos chamam de Roda do Ano. Além dos *sabbats* – oito, no total – a Roda do Ano é constituída também pelos *esbats*, que são realizados de acordo com as fases da lua, sobretudo durante a lua cheia. Somando os *sabbats* com os *esbats* de lua cheia, tem-se 21 rituais básicos na liturgia wiccaniana (Cordovil, 2015).

<sup>6</sup> Suely Cals é colunista do Jornal O Liberal, além de possuir uma loja em Belém, a “Suely Cals Espaço Místico”, famosa entre o público neoesotérico da cidade.

<sup>7</sup> A Wicca criada por Gerald Gardner centraliza o seu culto nas figuras da Deusa e do Deus Cornudo, sendo as diversas Deusas encontradas em diferentes panteões consideradas faces da Grande Deusa, e os diversos Deuses considerados faces do Deus Cornudo.

<sup>8</sup> A Wicca foi organizada e sistematizada pelo britânico Gerald Gardner no final da primeira metade do século XX. Segundo Langer & Campos (2007), Gardner buscou inspiração na religiosidade celta para criar a religião, mas também somou outros elementos, como as práticas de sociedades iniciáticas, amplamente difundidas em fins do século XIX e início do XX, como a Maçonaria, a Golden Dawn e O.T.O.

<sup>9</sup> A sétima edição do Encontro Brasileiro de Druidismo e Reconstrucionismo Celta, a ser realizada em 2016, inclusive, acontecerá em Belém com a organização do *Clann an Samaúma*.

<sup>10</sup> Entrevista concedida em 08/11/2013.

<sup>11</sup> Esse grupo é bastante fechado e não se relaciona de maneira alguma com o espaço público de Belém. Entre os grupos investigados, a Tradição Ítalo-Godélica foi o único que solicitou o anonimato dos membros na pesquisa. O contato com esse grupo só foi possível através da amizade de um dos autores com o líder.

<sup>12</sup> Informação obtida com o líder do grupo. A região em questão não foi especificada.

<sup>13</sup> Fonte: [https://www.facebook.com/groups/274566782655106/727354610709652/?notif\\_t=group\\_activity](https://www.facebook.com/groups/274566782655106/727354610709652/?notif_t=group_activity), acessado em 06/08/2015.

<sup>14</sup> Entrevista realizada com Eros Lupercus, em 19/03/2015.

Recebido em 31/08/2015, revisado em 22/11/2015, aceito para publicação em 06/01/2016.